

MUSEU DO ABADE DE BAÇAL (BRAGANÇA, PORTUGAL)

SÉRGIO LIRA
UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

O autor pretende neste artigo dar a conhecer o Museu do Abade de Baçal, Bragança. Assim, apresenta brevemente tanto a história das colecções que actualmente integram o museu, como a história do edifício que o acolhe. De seguida, recordando uma visita recentemente realizada, descreve o museu guiando o leitor através das várias salas. Ao longo desta "visita virtual", é chamada a atenção do leitor para os aspectos que pareceram mais significativos e dignos de referência.

In this paper the author presents the Museum Abade de Baçal, Bragança (North Portugal). The first topic is the history of the museum's collections and the history of the building where the museum is located. The museum is then described room after room as the author reflects on a recent visit. During this "virtual visit" some particularly relevant aspects are discussed.

Este é o primeiro artigo de uma rubrica que se pretende permanente nesta revista. O projecto é, em cada número, apresentar os aspectos principais de um museu. Serão aqui trazidos museus de vários países, sem que a sua nacionalidade seja um critério de eleição primordial. As decisões de escolha terão em atenção a qualidade, actualidade e interesse potencial das exposições e colecções de cada museu seleccionado. Para cada caso procurarei apresentar as linhas mestras da história da instituição, fazer referência ao edifício onde está instalado, apresentar sumariamente as colecções, relatar uma visita e as impressões por ela causadas e, ainda, referir algum aspecto particularmente interessante específico do caso em análise.

Esta rubrica pretende assim dar à revista um contributo no sentido de serem alcançados os objectivos que lhe estão na base e que a

fizeram nascer. Desta forma tentarei trazer a este espaço uma relação entre a Antropologia e a Museologia, disciplina a que dedico actualmente a minha investigação. Os museus que aqui serão tratados serão museus que interessam enquanto tal, mas que interessam também pelas suas ligações, mais ou menos óbvias, com a Antropologia, seja pelas suas temáticas, seja pelos seus públicos, seja pelos seus objectivos.

Perante estes pressupostos a escolha do primeiro museu a analisar não foi fácil. Não vou tentar "justificar" essa escolha: apenas referirei, brevemente, algumas das razões que estiveram na sua base. Da mesma forma, é minha intenção não pretender "justificar" em números futuros as escolhas realizadas. Todas elas serão passíveis de críticas válidas, em todas elas se poderão encontrar "justificações" aceitáveis. Espero apenas poder interessar o público da revista, caso a caso. Se assim for e

se esta rubrica souber apoiar os objectivos que levaram à criação desta publicação, terá razão de continuar.

Para este primeiro número decidi lançar a minha atenção sobre o *Museu do Abade de Baçal*, Bragança. Trata-se de um museu que recebeu uma intervenção relativamente recente (1994) e que, assim, pretendeu actualizar a organização interna e as técnicas expositivas empregues. No nome do museu permanece homenageada a figura do Abade de Baçal (Padre Francisco Manuel Alves), homem transmontano e preocupado com a identidade da sua região.

A origem do museu e do seu acervo remonta a 1897 quando, a 14 de Março, abriu ao público, nos paços do concelho, o *Museu Municipal de Bragança*. A 13 de Novembro de 1915 foi criado o *Museu Regional de Obras de Arte, Peças Arqueológicas e Numismática de Bragança*, que herdou peças e colecções do *Museu Municipal*. Em 1925 o Abade de Baçal foi nomeado Director e Conservador deste museu que, dez anos mais tarde, recebeu o seu nome, passando a existir sob a designação que ainda hoje ostenta.

O edifício onde hoje encontramos instalado o *Museu do Abade de Baçal* foi paço episcopal de Bragança e as notícias seguras mais antigas conhecidas datam do século XVII. Não se conhecem descrições ou plantas para essa época e apenas para o início do século seguinte há referência a obras: terão ocorrido entre os anos de 1710 e 1737, sob as ordens do Bispo D. João Sousa Carvalho. Para meados do século é conhecida nova referência a obras, estas entre os anos de 1758 e 1770. A planta mais antiga de

que existe registo é de 1915. Neste ano estavam instalados no edifício o Arquivo do Registo Civil, a Guarda Nacional Republicana e a Biblioteca Erudita de Bragança, que usavam o espaço que a Igreja fora forçada a abandonar após 1910. Para os inícios da década de vinte deste século é conhecida referência ao mau estado de conservação do edifício e, seis anos mais tarde, o próprio Padre Francisco Manuel Alves anota, aflito, que chove dentro das instalações, colocando em sério risco os objectos e livros lá existentes. Por esta época terão sido efectuados alguns trabalhos pontuais de reparação das coberturas, tentando evitar danos maiores. No entanto, só após 1935, com a saída da G.N.R., o edifício foi objecto de maiores cuidados. A planta de 1937, realizada pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, foi, sem dúvida, peça fundamental no planeamento das obras que duraram até 1940. Não sem algumas interrupções por falta pontual de verbas... Ainda assim, o edifício que resultou dessa intervenção, com alguma menor alteração, foi o que chegou a 1993, altura em que nova e profunda intervenção foi planeada. De facto, o ano seguinte marca uma nova etapa na vida do velho edifício: o projecto de arquitectura pretende preservar a leitura das várias épocas de vida do imóvel mas também modernizar o espaço, preparando-o para receber as colecções do museu reorganizadas e enriquecidas, a serem expostas em termos actuais e segundo critérios de uma museografia contemporânea.

As colecções que actualmente fazem parte do espólio do museu podem dividir-se em sete grupos principais, a saber: Arqueologia, Epigrafia, Escultura, Mobiliário, Pintura, Ourivesaria e

Têxteis. Dois destes grupos (arqueologia e ourivesaria) foram ampliados com a recepção de peças provenientes do Museu Nacional de Arqueologia e do Museu Nacional de Arte Antiga, mas a maioria das colecções remonta às origens do Museu Municipal, a que foram sendo incorporados objectos e colecções resultantes quer da oferta de colecionadores particulares quer do labor e pesquisa do próprio Abade de Baçal. Aquando da remodelação de 94, parte significativa das peças recebeu restauro e conservação, estando actualmente em muito bom estado¹.

Apresentado o Museu, o seu edifício, a sua história e as suas colecções, vejamos, a partir da entrada, o que é oferecido ao visitante. Na redacção das linhas que se seguem empregarei o resultado de uma visita que realizei recentemente e de que anotei o que me pareceu significativo².

À entrada oferece-se ao visitante uma planta do museu, ocupando uma parede, à direita,

¹ As informações que aqui apresentamos foram recolhidas em diversas obras. No entanto, para quem pretenda um conhecimento bastante completo e rápido acerca do Museu do Abade de Baçal, será sem dúvida muito útil a edição do Instituto Português de Museus intitulada exactamente *Museu do Abade de Baçal, Bragança*, que foi publicada em 1994. Foi, obviamente, uma das referências para a preparação deste artigo.

² Deve ser tido em conta que as actuais instalações do museu ainda sofrerão alterações quando as obras da 2ª fase forem concluídas. Segundo informação do Exmº Senhor Director do Museu, tal está previsto para Novembro de 1997. Desta forma, algumas das características aqui anotadas são, naturalmente, correspondentes a uma fase transitória.

que identifica as várias salas e serviços do museu e que evidencia a organização em dois pisos, cada um dividido em várias salas; à esquerda, ao fundo, a mesa da recepção, venda de bilhetes e pequena loja. A tabela de preços estava bem visível, redigida em português. Um visitante comum paga duzentos e cinquenta escudos, as crianças não pagam, e há alguns descontos previstos. Por exemplo, professores pagam metade do preço normal. Apesar de não ter comigo nenhum documento que me identificasse como professor, a minha palavra foi aceite sem qualquer dúvida e paguei apenas o preço correspondente.

Não estando disponível qualquer desdobrável que possa ajudar na orientação dentro do museu, é necessário tornar a observar a planta referida acima antes de iniciar a visita. Esta começa numa pequena sala de ligação entre o piso térreo e o primeiro andar, onde está instalada aparelhagem inter-activa com informações sobre Trás-os-Montes, que inclui imagens, texto e banda sonora. Aí podem ser obtidas notas sobre monumentos, museus e paisagens da região, o que torna a sua consulta útil e proveitosa. Pena é que a forma como tal dispositivo está instalado não permita o acesso de crianças. De facto, apenas um adulto consegue ver e tocar o ecrã. Um dos pares de auscultadores estava consertado com fita-gomada...

O percurso do museu começa por uma sala à direita desta, onde está instalada uma pequena plateia na frente de um televisor, que mostra imagens da região, acompanhadas de som explicativo. Digo que o percurso começa por aqui porque tal parece ao visitante a forma

mais evidente de avançar: nada impede que o museu seja visitado por outro percurso, ou que se repitam salas. O funcionário que vende os bilhetes indicou esta orientação como início de visita, mas o museu é percorrido sem a companhia de guia ou de guarda. Esta é, aliás, uma constante por todo o museu: a ausência de guardas ou funcionários em qualquer das salas.

No piso térreo estão expostos artefactos de épocas antigas da ocupação humana de Trás-os-Montes, documentos significativos da pré-história desta região, peças de artesanato, estátuas de arte sacra, documentos medievais, estelas de epigrafia romana, moedas romanas e outros objectos que testemunham também a permanência da romanização. Nota-se que houve um cuidado esmerado na qualidade da exposição: os objectos estão apresentados com coerência e o recurso às pedras regionais (xisto e granito) como suportes da exposição, resultou. No entanto, mais uma vez, os mais pequenos foram esquecidos quando se projectaram os expositores dos documentos e pergaminhos: apenas os alcança a visão de um adulto uma vez que estão dispostos horizontalmente dentro de vitrines a uma altura excessiva para serem observados por crianças. O que é pena. De registar, no entanto, o cuidado com os níveis de iluminação na superfície destas delicadas peças, respeitando padrões de conservação.

Uma das salas do rés-do-chão abre em pé-direito duplo, permitindo a exposição, sem dar a sensação de espaço muito ocupado, de peças de maior dimensão e interligando visualmente este andar com o piso superior. A distância assim conseguida ao tecto permitiu

expor de forma muito interessante um conjunto de painéis de madeira, pintados. Digo, vagamente, *um conjunto de painéis*, porque não há qualquer indicação óbvia da sua origem (trata-se de um tecto da antiga igreja dos Jesuítas). Ainda de registar dois casos particulares de boa exposição: a vitrine ocupada por objectos de ferro, que permite a observação integral das peças, e a vitrine dos pequenos objectos romanos, moedas incluídas, embebida na espessura de uma parede, primorosamente iluminada e oferecendo uma sensação, falsa, de que as peças estão ao alcance... uma vez ainda, alta demais para crianças.

As estelas de epigrafia romana estão colocadas no que era, antigamente, um espaço exterior, uma arcaria voltada para o jardim. Os arcos, fechados a vidro, permitem que o olhar se alongue no jardim e as pedras, quase todas obviamente objectos de exterior, estão assim associadas a essa imagem de espaço aberto de uma forma conseguida.

Uma palavra ainda acerca deste primeiro piso de visita, para referir as legendas e etiquetas que acompanham os objectos e colecções expostas. Se de um ponto de vista meramente estético possam ser defendidos, já tal não acontece se pensarmos na eficácia conseguida: trata-se, na maior parte dos casos, de letras brancas coladas em superfície preta, bem visíveis. No entanto, algumas dessas letras faltam, ou por razões naturais ou por brincadeira de mau-gosto de algum visitante. O facto é que em alguns casos o texto não está legível. Além disso é frequente ser difícil associar o item à legenda respectiva, não havendo códigos de

referência nos casos de vários objectos próximos. As legendas estão redigidas apenas em português, o que não seria grave se houvesse disponível um roteiro traduzido.

Ao piso superior tem-se acesso através de uma escada de granito e aí podemos admirar estatuária e pintura, ourivesaria, algumas peças de mobiliário e numismática portuguesa. Uma vez mais depara o visitante com um cuidado evidente na exposição de cada peça, com níveis de iluminação precavidos e, aqui, com controlo da humidade relativa. Pena que o aparelho a esse controlo destinado faça tanto barulho e esteja, inesteticamente, colocado num canto de uma sala que o não merece...

Um dos expositores que não pode escapar a uma crítica é o da numismática portuguesa. A ideia é interessante, ainda que conhecida: duas superfícies transparentes encerrando uma placa, também transparente, com orifícios destinados às moedas. Só que algumas delas, já em quantidade suficiente para alguém ter notado, jazem no fundo do expositor, caídas das suas posições. Outras estão em vias de tomar o mesmo caminho. Também aqui a identificação de cada um dos itens através da legenda não é possível, o que faz perder informação.

Os tectos deste piso superior mereceram um cuidado notável e reclamam a atenção do visitante. O que se verifica no andar térreo, a qualidade e o cuidado da exposição, o controlo da luz e o recurso às pedras (que acima referi) como suporte de algumas peças, mantêm-se no andar superior, com uma coerência agradável. Também à imagem do piso inferior, os soalhos

estão tratados com cuidado, o que, apesar de discreto, confere às salas um conforto apreciável. A aparelhagem de segurança (detecção de movimentos e incêndios), sendo obviamente indispensável, desfeia um pouco a harmonia das salas.

Após percorrer o piso superior, o visitante tem que descer a escadaria que lhe permitiu o acesso a esse andar; encontra-se novamente frente à aparelhagem inter-activa e pode aproveitar o ensejo para programar o que fará depois de abandonar o museu. A saída é, a partir daí, óbvia demais: não convida a percorrer as prateleiras da loja na busca de algo de interessante sobre o museu, a cidade ou a região.

No final da visita o *Museu do Abade de Baçal* deixa uma impressão muito agradável, apesar dos aspectos pontuais menos positivos referidos. Nitidamente faz falta um desdobrável, alguma informação disponível sob uma forma transportável e consultável ao longo da visita. O livro editado sobre o museu (que referi em nota), disponível para venda na loja, não resolve esta falta, uma vez que é uma obra pensada com outros fins e que não inclui a planta do museu. Faz também falta um catálogo completo das colecções.